

## Quem vai rir por último?

Milton Gamez



**DESCONTRAÇÃO:** Paulson, Bush, Mantega e Meirelles na reunião do G-20 (acima), no sábado 11. No encerramento da reunião anual do FMI, no domingo seguinte, Strauss-Kahn diverte-se com as secretárias



UMA CADEIRA VAZIA ENTRE HENRY PAULSON E GUIDO MANTEGA intrigou os ministros da Fazenda e os presidentes de bancos centrais do G-20, grupo dos 20 países em desenvolvimento que se reuniram em Washington, na tarde do sábado 11, para discutir soluções para a maior crise financeira global dos últimos 80 anos. O clima estava pesado: durante a semana, as Bolsas de Valores haviam derretido mais de 20% nos cinco continentes.

Trilhões de dólares viraram pó. A pedido de Paulson, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Mantega, presidente do G-20, convocara o encontro das autoridades financeiras dos países desenvolvidos e emergentes nas dependências do Fundo Monetário Internacional (FMI), a poucos quarteirões da Casa Branca. Para surpresa geral, George W. Bush entrou no salão e sentou-se ao lado de Mantega. "Diga ao presidente Lula que eu gosto muito dele", afirmou ao brasileiro. Foi a primeira vez que um presidente americano participou de uma reunião do G-20 e, para Bush, foi sua estréia no FMI. O Brasil, que dez anos antes foi o pivô de uma forte crise cambial, nunca esteve tão bem na foto. Desta vez, virou bom exemplo.



**ALÍVIO POR UM DIA:** operadores da Bolsa de Nova York (à esq.) e da BM&FBovespa comemoram a reversão dos mercados na segunda-feira 13



O País, representado pelo ministro da Fazenda e por Henrique Meirelles, presidente do Banco Central, foi citado várias vezes no fim de semana como um exemplo a ser seguido no campo da política econômica. Nos últimos anos, reduziu a inflação, saneou o sistema bancário, atraiu investimentos, acumulou mais de US\$ 200 bilhões em reservas em moeda forte, separou dinheiro suficiente no dia-a-dia para pagar os juros da dívida interna e foi promovido a porto seguro (investment grade) pelas agências de classificação de risco. Nesses dias em que o capitalismo selvagem e o liberalismo econômico americano contorciam-se diante das câmeras de televisão, os condutores da política econômica brasileira mantiveram encontros privados relevantes para o diálogo em torno da restauração da confiança global. "O Brasil tem um papel de liderança, mostrando a importância de boas políticas", disse à DINHEIRO John Taylor, professor de economia da Universidade Stanford e ex-subsecretário do Tesouro americano (leia entrevista a pág. 42). "É um país-chave nessa crise."



**SORRISOS NO ORIENTE:** operadores das Bolsas de Manila (esq.) e Dubai celebram o primeiro dia de alívio depois de duas semanas de crise

Não se pode superestimar a importância dos brasileiros na solução da crise global nem do próprio G-20. O grupo, que inclui o Brasil, a Índia e a China, apenas referendou as medidas emergenciais anunciadas na véspera pelos sete países mais ricos (Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Japão e Canadá), que também fazem parte do G-20. Mas a presença insólita de Bush na mesma mesa de Mantega e Meirelles foi um ato político e estratégico da maior importância.

Demonstrou que somente uma ação coordenada entre todos os países, inclusive os emergentes, poderá pôr fim ao pânico dos mercados financeiros e evitar uma recessão mais profunda nos próximos anos. Tarefa, aliás, que Paulson e Ben Bernanke, presidente do Banco Central dos EUA, o Fed, não conseguiram encarar sozinhos nas últimas semanas. "Não existe solução individual para a crise", afirmou o diretor-geral do FMI, Dominique Strauss-Kahn. Algumas sugestões do FMI para apagar o incêndio foram aceitas pelo G-7 e pelo G-20. Dentre elas, despejar rios de dinheiro no mercado interbancário para dar liquidez a bancos e empresas, capitalizar as instituições financeiras, tirar os ativos podres de seus balanços e assegurar aos depositantes e poupadores que seus recursos pessoais estão seguros. Os intensos diálogos culminaram, no domingo 12, com a decisão do governo americano de injetar capital nos maiores bancos, nos moldes adotados na semana anterior pelo Reino Unido, do primeiro-ministro Gordon Brown (leia perfil à pág. 44). Isso acalmou os mercados na segunda-feira, quando as Bolsas de todo o mundo, à exceção da Rússia, dispararam (veja gráfico "Segunda-Feira Feliz").



**ALEGRIA DE RICO:** Soros divulga livro no FMI, em Washington.



Em Bruxelas, o tcheco Mirek Topolanek e o português Barroso reúnem-se na Comissão Européia

Nos encontros que mantiveram em Washington no auge da turbulência das Bolsas, por coincidência na mesma semana em que o FMI e o Banco Mundial realizaram sua reunião anual, os brasileiros insistiram com os interlocutores que o Brasil está numa situação bem mais confortável do que a de muitos países para superar o que vem por aí. Mantega levou uma luxuosa revista oficial bilíngüe, com matérias positivas sobre o País, para distribuir em Washington.

E ainda aproveitou a súbita notoriedade para alfinetar os defensores do livre mercado. "Uma vez estancada a hemorragia e ultrapassada a fase mais aguda da crise, caberá corrigir os erros do passado em matéria de organização do sistema financeiro", disse o ministro. "Espero que a crença infundada de que os mercados podem ser basicamente deixados a si mesmos fique enterrada por um longo período." Segundo o célebre economista John Kenneth Galbraith, a memória financeira dura, no máximo, 20 anos. Por isso, defendeu Mantega, uma maior supervisão e regulação das finanças globais devem ser adotadas quanto antes. "Isso demandará estreita cooperação internacional", disse ele.



#### **NERVOSISMO NA AMÉRICA:**

representantes de países membros participam da sessão plenária do FMI e do Banco Mundial, em Washington

O mundo certamente será outro depois da crise financeira de 2008. De Lula ao francês Nicholas Sarkozy, não faltam governantes dispostos a endurecer as regras contra a especulação nos mercados financeiros. Até mesmo George Soros, megaespeculador que virou filósofo e filantropo, entoou a cantiga da regulação e supervisão dos fundos de hedge, como são conhecidos os fundos que investem em vários tipos de ativos no mundo todo e provocam turbulências nos mercados quando dão o fora. "Os fundos de hedge devem ser regulados, pois fazem parte do sistema", afirmou Soros à DINHEIRO, durante entrevista de lançamento de seu novo livro, *The New Paradigm for Financial Markets - The Credit Crisis of 2008 and What it Means* (em tradução livre, "O Novo Paradigma para os Mercados Financeiros - A Crise de

Crédito de 2008 e o que Ela Significa"). Estaria ele comprando ações brasileiras que ficaram baratas com a crise? "Sim, estamos investindo no Brasil. Há setores que sofreram muito com a desalavancagem", respondeu. Ele demonstrou conhecimento sobre as empresas que fizeram especulações cambiais - sua especialidade - e perderam milhões, caso da Sadia, da Aracruz e da Votorantim. A gravidade da situação mundial fez Soros voltar à mesa de operações. "Esta é a crise de minha vida. Nunca vi uma crise como esta, nem verei outra", afirmou.



**BOM HUMOR NA EUROPA:** presidentes dos países europeus se reúnem no Palácio do Eliseu, em Paris, no domingo 12, para mostrar unidade na gestão da crise internacional

Para acalmar os ânimos, no domingo os líderes europeus se reuniram em Bruxelas e anunciaram intervenções conjuntas nos bancos. Os americanos, por sua vez, decidiram injetar pelo menos US\$ 250 bilhões nos bancos. Uma dramática reunião do secretário Paulson com nove banqueiros no Departamento do Tesouro, na segunda-feira, 13, lembrou a histórica reunião na biblioteca de John Pierpont Morgan, durante a crise de 1907. Naquela época, Morgan trancou cerca de 200 financistas na biblioteca e só os deixou sair depois que todos se comprometeram a apoiar uns aos outros. Paulson, segundo relatou o jornal The New York Times, entregou um documento de uma página aos presentes e disse que eles deveriam assiná-lo antes de sair. Dentre eles, Jamie Dimon, do JP Morgan Chase, Richard Kovacevich, do Wells Fargo, Lloyd Blankfein, do Goldman Sachs, Vikram Pandit, do Citigroup e John Thain, do Merrill Lynch. Eles foram obrigados a aceitar a injeção de capital do governo e se comprometeram a emprestar dinheiro uns aos outros. "Foi pegar a proposta ou pegar", afirmou um dos participantes. O resultado da intervenção foi o otimismo generalizado nas bolsas na própria segunda.

Mas a crise global é caprichosa e a alegria durou pouco. As ações voltaram a cair nas sessões seguintes. Na quarta-feira, em Nova York, o índice Dow Jones desabou 9%. Em São Paulo, o Ibovespa cedeu 11,39%. Se os bancos estão a salvo, o que levou o vermelho de volta às bolsas do mundo todo? O medo de uma recessão mundial longa e abrangente. Esse cenário mais sombrio foi descartado pelos economistas do FMI, graças ao bom desempenho dos países emergentes. Se a crise dos países ricos não se aprofundar demais, são os emergentes que vão rir por último.

GAMEZ, Milton, **Istoé**, São Paulo, 22 out. 2008. Acesso em: <  
<http://www.terra.com.br/istoedinheiro/edicoes/577/artigo112269-2.htm>> Disponível em: 21  
out. 2008.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais